

APRESENTAÇÃO

Literatura de autoria feminina entre revisões e enfrentamentos

Carlos Magno Gomes¹

O Conselho Editorial da Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura traz a público o volume 36, número 1, que é composto por um **Dossiê: Literatura de autoria feminina entre revisões e enfrentamentos** e uma **Seção Livre**, referente ao período de jul-dez de 2021. No dossiê foram aceitas contribuições sobre a produção de autoria feminina brasileira e estrangeira e suas estratégias de resistência e questionamentos das opressões impostas às mulheres. As pesquisas reunidas no Dossiê propõem abordagens inovadoras para os estudos de gênero e para a crítica feminista a partir da identificação de opções estéticas e ideológicas usadas por diversas autoras para demarcar seu lugar de fala em seus textos. Na Seção Livre, há pesquisas sobre autoficção e debates sobre relações entre história e literatura em diferentes perspectivas.

Quanto à temática do Dossiê, cabe destacar que a literatura de autoria feminina tem um histórico de enfrentamento das violências de gênero que na contemporaneidade tem se consolidado como estéticas de denúncia. Mas, antes de chegarmos ao contexto em que as escritoras abordam abertamente temas como estupro e feminicídio, houve diversas propostas pioneiras de transgressão e questionamento das normas de gênero como a poesia de Gilka Machado e as narrativas de Clarice Lispector, por exemplo.

Se atualmente as vozes de Maria Valéria Resende e Conceição Evaristo se projetam como marcas desse enfrentamento, as escritoras do século passado muito contribuíram ao trazer para a temática da literatura a violência estrutural de gênero. Essas formas de questionar e confrontar o sistema é desnudada por Aline Bei em seu romance de estreia, no início do século XXI, ao relatar o quanto o estupro deixou marcas e traumas na trajetória de sua protagonista, uma mulher devastada pelo episódio de violência.

Completando o rol de mulheres que enfrentaram os pre-

¹ Editor Chefe. Professor da UFS. Pesquisador CNPq. E-mail: calmag@bol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9070-9010>.



conceitos, abrimos espaço para um texto que regata a voz de Elizabeth Cabot Cary Agassiz, que redigiu a obra *A Journey to Brazil*, juntamente com seu marido, mas que foi silenciada ao longo da história. Além de trazer detalhes de como essas escritoras se projetaram no texto literário para confrontar valores morais de suas épocas, temos um instigante ensaio sobre Tsitsi Dangarembga, uma escritora zimbabuana que explora a subversão como marca de seu romance pós-colonial.

Na **Seção livre**, temos artigos que exploram as fronteiras da autoficção e dos discursos históricos em textos literários e em memórias. Entre os temas e autores, o/a leitor/a encontrará: estudos sobre as relações da epidemia do Cólera e o desfecho do clássico de Tomas Man; reflexões teóricas entre os limites da autoficção nas obras de Cristovão Tezza e Ricardo Lísias; estudos históricos sobre Manuel de Faria e Sousa (1590-1649); e um resgate de como textos jornalísticos e literários oitocentistas descreviam o Amapá como uma terra inóspita e exótica. Na continuidade, para detalhar melhor os estudos deste **Dossiê**, apresentaremos os artigos aqui reunidos e descreveremos também as contribuições da **Seção livre** que completam este volume.

Na abertura do **Dossiê**, em **ESCRITA COMO PROCESSO DE RESISTÊNCIA**, **Luciana Bessa Silva** analisa como as lutas e conquistas de libertação social feminina é articulado no romance *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. O artigo aborda como o capital simbólico de resistência às injustiças impostas à mulher é projetado por meio da escrita dessa obra, levando em conta a revisão histórica proposta Mary Del Priori (2004) e Michelle Perrot (2012). A pesquisadora destaca que as mulheres passam a contar sua própria história a partir do domínio da escrita, que é utilizada como ferramenta de libertação de si e construção de identidade. Em **SILÊNCIO E TRANSGRESSÃO NO CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO, “MACABÉA, FLOR DE MULUNGU”**, **Cristiane Côrtes** retoma o debate em torno da discussão do questionamento relacionado ao silenciamento das identidades não hegemônicas por meio do estudo das vozes das personagens do conto “Macabéa, flor de Mulungu”, de Conceição Evaristo, e do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, para identificar uma certa “poética do silêncio” como uma estrutura literária de transgressão e denúncia nas duas obras analisadas.

Na continuidade do dossiê, em **A MULHER E O SAGUIM**:



A RUPTURA DO COTIDIANO NO ENCONTRO COM ANIMAIS EM CLARICE LISPECTOR, **Tânia Sandroni** traz à baila reflexões acerca das estratégias usadas por Clarice Lispector para que haja a ruptura da mulher com sua vida mecânica. A pesquisadora parte da análise do conto “Uma tarde plena”, publicado no jornal *Comício* em 1952. Esse processo de estranhamento provocado por um encontro inesperado é o início de uma consciência de que algo de perigoso está acontecendo. O artigo avalia as causas disciplinadoras da sociedade patriarcal que são questionadas após o susto do encontro de uma dona de casa com um saguim em um transporte público. No texto seguinte, em MORTE, VIOLÊNCIA E DEVASTAÇÃO EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI, **Jocelaine Oliveira dos Santos** analisa o conceito de “devastação” para discutir os significantes da morte e do estupro em *O peso do pássaro morto* (2017), de Aline Bei. A violência sofrida pela protagonista tensiona o feminino por meio da destruição e ruína. Este estudo é fundamentado pela crítica feminista de base psicanalítica e de estudos em torno do conceito de “devastação” proposto por J. Lacan e Marie-Helène Brousse, entre outros teóricos.

No estudo seguinte, temos uma investigação sobre estudos líricos. Em PERFORMANCES DO FEMININO: O SUJEITO POÉTICO MÚLTIPLO DE GILKA MACHADO, **Suzane Morais da Veiga Silveira** investiga as marcas performáticas do sujeito poético de Gilka Machado a partir dos estudos de gênero. O artigo parte de abordagens que reconhecem a performance de gênero transgressora como um ato de resistência conforme Lauretis e Butler. Em Machado, essa ruptura pode ser identificada em suas opções inovadoras da forma como o sujeito poético feminino se autoinscrever como um confronto com as normas impostas. No sexto artigo do dossiê, em O ROMANCE DE FORMAÇÃO NERVOSO EM TSITSI DANGAREMBGA, **Lauro Iglesias Quadrado** apresenta um estudo teórico-crítico sobre a formação da protagonista Tambudzai, do romance *Nervous Conditions* (1988), de Tsitsi Dangarembga. O artigo enfoca nas particularidades da escrita dessa escritora zimbabuana que privilegia a subversão feminina como uma marca de seu romance de formação, produzido como um experimento pós-colonial, pois expõe as contradições da colonização conforme os estudos de Franco Moretti, Simon Hay e Frantz Fanon.

Fechando o dossiê, temos um artigo de resgate de uma



voz feminina silenciada. Em HISTÓRIA NATURAL E ESCRITA DE VIAGEM: A VOZ DE ELIZABETH CABOT CARY AGASSIZ, **Natália Fontes de Oliveira** propõe um estudo de regate da voz de Elizabeth Cabot Cary Agassiz na obra *A Journey to Brazil*, publicada em co-autoria com seu marido, que descreve a Expedição Thayer no final do século dezanove. O artigo ressalta a importância das peculiaridades de uma escrita que desafia da história natural, deslocando os paradigmas patriarcais. Para chegar a essas conclusões, a autora explora estudos da crítica literária feminista.

Na abertura da **Seção livre**, em NARRATIVAS DO AGORA E O ESPETÁCULO DO EU, **Everton Vinicius de Santa** discute algumas estratégias de autoexibição presentes nas narrativas de autoficção a partir do estudo dos romances *O filho eterno*, de Cristovão Tezza (2008), e *Divórcio*, de Ricardo Lísias (2013). Essas obras têm em comum um convite à reflexão dos vários “eu” que a sociedade consumista nos impõe e que é debatido pelo campo literário. O artigo explora a relação do escritor com a mídia e como essa aproximação pode ser vista como um espetáculo de si, que também está presente nas duas obras. No segundo trabalho, em A EPIDEMIA DO CÓLERA EM A MORTE EM VENEZA, DE THOMAS MAN, **Denise Rocha** retoma o clássico de Man para investigar como a epidemia do cólera é retratada nessa obra. O artigo explora conceitos de ‘lugar concreto’ e de ‘espaço abstrato’, de Tuan. A propagação dessa enfermidade será debatida no artigo a partir da relação platônica entre o protagonista e o jovem italiano.

Na continuidade, em FARIA E SOUSA, A FORTUNA E O DISCURSO INCRIMINATÓRIO, **Mauricio Massahiro Nishihata** propõe um interessante estudo da obra *Fortuna* (década de 1640), de Manuel de Faria e Sousa, que tem por meta analisar recursos retóricos que denunciam os supostos crimes cometidos por Manuel de Moura Corte Real. Narrada em primeira pessoa, a obra *Fortuna* descreve a experiência do autor como secretário da corte de Filipe IV (1590-1649), dando detalhes de sua acusação contra Manuel de Moura Corte Real, embaixador de Espanha em Roma. Ainda dentro de uma revisão de textos históricos, em ENTRE DENÚNCIAS E DISPUTAS: AS NOTÍCIAS E OS TEXTOS LITERÁRIOS SOBRE/DO AMAPÁ EM JORNAIS OITOCENTISTAS, **Valdiney Valente Lobato de Castro** revisa o imaginário sobre o Amapá, considerada uma terra exótica e inóspita nas publicações de texto jornalísticos



e litererários que eram divulgados nos jornais oitocentistas entre 1850 a 1900. Essas descrições retomam também notas relativas à população. O autor visa identificar elementos da identidade da sociedade desse estado a partir dessas publicações.

A seleção desses artigos foi feita a partir de mais 170 propostas recebidas para as publicações do **II Seminário Internacional Literatura e Cultura** que aconteceu entre os dias 11 e 13 de agosto de 2021 de forma remota por meio de plataformas digitais. Com estima, aproveitamos o ensejo para agradecer aos autores/as por escolherem este periódico para publicarem suas pesquisas e pela agilidade de revisão e ajustes que foram pedidos, após os pareceres iniciais.

Desejamos uma excelente leitura a todos/as.

São Cristóvão, outubro de 2021.

